

<http://doi.org/10.47369/eidea-25-1-4614>

Recebido em: 02/02/2025

Aprovado em: 31/03/2025



A guerra pela imunização contra a covid-19 no Brasil no ano de 2021 Uma análise semiolinguística

Alessandro Alves dos Santos

Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil

<http://orcid.org/0009-0002-5275-4691>

Luciana da Silva Gomes

Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil

<http://orcid.org/0009-0005-7986-8340>

Neste artigo, propõe-se a examinar como o discurso midiático d'O Globo, por meio de uma narrativa midiática roteirizada, forja, como intencionalidade, uma dada realidade a partir de um encaminhamento argumentativo subjacente ao texto, pautado em certos imaginários sociodiscursivos de descrença e de impunidade política em relação à imunização contra a Covid-19. A nossa hipótese norteadora sobre o fato é o de que a famosa mídia desejaria denunciar e inculcar, coletivamente, a postura de negligência por parte do Governo Federal ante o combate da pandemia do coronavírus. Para tanto, adotaremos a Teoria Semiolinguística (Charaudeau, 1992, 2001, 2004, 2012, 2017, 2019) em diálogo com outros autores, dentre eles, Azeredo (1990) e Mira Mateus et al (1983), dando enfoque à operação linguística de causalção, especialmente, às relações de restrição, de conjunção e de causalidade hipotética, tendo, como corpus de análise, quatro notícias de capa publicadas nesse jornal durante o primeiro semestre de 2021.

Palavras-chave: Semiolinguística. Notícia. Modo de organização argumentativo. Operadores lógicos.

La guerra por la inmunización contra el covid-19 en brasil en 2021: un análisis semiolingüístico

En este artículo, se propone examinar cómo el discurso mediático de O Globo forja su intencionalidad sob una determinada realidad basada en algunos imaginarios sociodiscursivos de incredulidad e impunidad política, en relación con la inmunización contra el Covid-19. A través de una narrativa mediática guionizada y con un enfoque argumentativo subyacente al texto. Nuestra hipótesis principal al respecto es que los famosos medios de comunicación quisieran denunciar colectivamente e inculcar la actitud negligente del Gobierno Federal en la lucha contra la pandemia del coronavirus. Para ello, adoptaremos la Teoría Semiolingüística (Charaudeau, 1992, 2001, 2004, 2012, 2017, 2019), en dialogo con otros autores, como Azeredo (1990) y Mira Mateus et al (1983), centrándonos en la dimensión lingüística de la operación de causalidad, en especial, en las relaciones de restricción, de conjunción y de causalidad hipotética, teniendo como corpus de análisis cuatro noticias publicadas en este periódico durante el primer semestre de 2021.

Palabras clave: Semiolingüística. Noticia. Modo argumentativo de organización. Operadores logicos.

The war for immunization against covid-19 in 2021's Brazil: a semiolinguistic analysis

In this article, aims at peering into how the newspaper O Globo's mediatic discourse, in scripted fashion, intentionally has produced an alternative reality from an argumentative addressing between the lines of its text, based on certain sociodiscursive imaginary of disbelief and political impunity regarding the immunization against Covid-19. Our guiding hypothesis over this is that the well-known media wishes to collectively denounce and engrain the negligent posture by part of the Federal government before the fight against coronavirus pandemic. That being so, we will adopt the Semiolinguistic Theory (Charaudeau, 1992,

2001, 2004, 2012, 2017, 2019) in conversation with other authors, being among them Azeredo (1990) and Mira Mateus et al (1983), focusing at the linguistic operation of logic between essential parts of a sentence, especially to the relationship of restriction, hypothetical conjunction and especially, to the relationship of conjunction and hypothetical causality, having four newspaper covers from the first semester of 2021 as a sample of analysis.

Keywords: Semionlinguistics. News. Argumentative organization method. Logical operators.

1 Palavras iniciais

Sempre que nos comunicamos, temos um projeto de fala, que é elaborado em função dos conhecimentos de mundo (relacionados a valores) e dos julgamentos que fazemos dele (pela justificação dos atos). Por conseguinte, o locutor, ao executar o seu projeto de fala, carrega consigo a intenção de seduzir e de influenciar o seu interlocutor, com a finalidade de que o seu ato de linguagem seja aceito por ele; ato noticioso esse que se desenvolve, em efeito de sentido, a partir de imaginários sociodiscursivos criadores de valores e justificadores de ações. Esse fato se mostra mais flagrante quando o locutor em questão se volta para tentar influenciar uma coletividade inteira, como é o caso das **mídias** em geral.

Charaudeau, em sua obra **Discurso das Mídias** (2019, p. 24), salienta que os discursos midiáticos produzidos são circunscritos por uma intencionalidade orientada por efeitos tanto cívicos, no âmbito da lógica da informação, quanto econômicos, no bojo da ótica da captação. Cientes de que a espécie humana detém o dom da palavra, neste trabalho, pretendemos examinar, mediante um acontecimento que influenciou a vida de todos nós, isto é, a pandemia do coronavírus, no sentido de entendermos como a construção argumentativa de sentido de descrença com relação ao combate da pandemia em questão foi produzida pela narrativa midiática roteirizada em notícias de capa, especificamente, do jornal **O Globo**.

O **tema central** deste artigo, sintetizado sob o título **A guerra pela imunização contra a Covid-19 no Brasil no ano de 2021: uma análise semiolinguística**, surge de inquietações sobre a produção e a aquisição de vacinas para dirimir os efeitos letais da Covid-19 – em dimensão mundial – e pelo bombardeio diário de informações sobre o assunto – em perspectiva local –, a partir de um interdiscurso de notícias amplamente divulgadas pelos suportes tecnológicos midiáticos, nada imunes a um viés ideológico programado pelas instâncias de mídia brasileira.

Assim, nosso interesse de pesquisa tem, como **objetivo geral**, **desvelar** o processo da roteirização narrativa construído por *O Globo* acerca da condução do Governo Federal brasileiro frente ao combate da pandemia do novo coronavírus no primeiro semestre de 2021 em relação à aquisição de vacinas contra a Covid-19, com enfoque nos imaginários sociodiscursivos orientadores dessa encenação discursiva.

Pautados no **corpus** selecionado – quatro notícias de capa do jornal *O Globo* lançadas no primeiro semestre de 2021 –, que focalizam a narrativa de (in)ação para a aquisição de imunizantes contra a Covid-19 pelo governo brasileiro, temos, como **objetivos específicos** desta breve pesquisa, **mapear** a construção de sentido direcionada por meio das operações lógicas de **restrição**, de **oposição** e de **causalidade hipotética**, analisando suas marcas linguísticas e os seus efeitos de sentido no texto das notícias de capa em questão, com vistas a uma certa orientação argumentativa; **flagrar** qual o imaginário sociodiscursivo, evocado por *O Globo*, **por meio dos mecanismos de língua**, entre as suas diferentes notícias de capa, usado como estratégia para colocar o seu empreendimento argumentativo em jogo; e **verificar** quais as intencionalidades possíveis da instância de produção *O Globo* em expor, a partir de um certo imaginário sociodiscursivo, a condução do Governo Federal face ao combate da pandemia do novo coronavírus nesse segundo ano pandêmico, em relação à aquisição de vacinas contra a Covid-19.

Desse modo, cientes de que “não existe sociedade sem rumores, sem imaginários, sem representação do drama e do trágico, sem desejo de captar e de ser captada, sem aspiração em representar a cena da ilusão de verdade” (Charaudeau, 2019, p. 277), nossa **hipótese de trabalho** pauta-se no fato de que o roteiro narrativo construído pela instância midiática *O Globo* sobre a vacinação contra a Covid-19 no Brasil parece ser orientada, argumentativamente, por um imaginário sociodiscursivo de banalização por parte do Governo Federal.

Por seu turno, essa compreensão da realidade nortearia compreensões por parte da instância leitor de *O Globo* não só em relação ao combate ao novo coronavírus, como também em relação ao processo de aquisição de imunizantes contra a doença de dimensão planetária, que reforçaria tal imaginário de descrença já conhecido historicamente pela população, em diversos aspectos e setores da sociedade.

Com essa finalidade, o presente artigo estruturar-se-á da seguinte maneira, em quatro partes, na sequência, a saber: a Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso (Charaudeau, 1992, 2001, 2004, 2005, 2012, 2017), norteadora deste trabalho, as relações lógicas (Charaudeau, 1992; Ducrot, 1988; Monnerat, 2001, 2003; Azeredo, 1990, 2014; Mira Mateus *et al.*, 1983), sobretudo, **sob o viés semiolinguístico**, o conceito de notícia teorizado por Alves Filho (2011), Costa (2009) Lage (2006) e pelo próprio Charaudeau (2019), o conceito de **imaginário sociodiscursivo**, de **narratividade** e de **argumentatividade** visitados por Charaudeau (2012), Koch e Elias (2017) e Cavalcante *et al.* (2020), chegando, enfim, à análise de nosso *corpus*.

2 A Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso: uma breve contextualização

A **Análise Semiolinguística do Discurso**, criada pelo professor e linguista francês Patrick Charaudeau, propõe, sobretudo, um tratamento do fenômeno linguageiro que engloba análises e exames da relação entre forma e sentido dos signos, que se dão de acordo com as relações contextuais que os abarca.

Desse modo, a **Semiolinguística**, em consonância com os estudos da Linguística da Enunciação e da Pragmática, percebe o **discurso**, expresso pelo ato de linguagem, como produtor final de sentido intencional por parte de um emissor, voltado, sempre, a influenciar um dado receptor, guiados, externamente à enunciação, em suas escolhas icônico-linguísticas, por um dado contexto sócio-histórico.

Nesse âmbito, o ato de linguagem viabilizaria a produção final de sentido e, conseqüentemente, a própria comunicação, cuja manifestação se daria por uma *mise-en-scène* discursiva, encenada, conexamente, por **sujeitos psicossociais** (eu-comunicante – EUc – e tu-interpretante - TUi), isto é, os respectivos emissores e receptores da mensagem, responsáveis por executarem a enunciação, e por **sujeitos discursivos** (eu-enunciador – EUe – e tu-destinatário – TUd), que, por intermédio de “máscaras” discursivas, permitem que o EUc, ao idealizar um destinatário ideal que adira ao seu projeto de fala (TUd), “encene” um determinado “papel”, representado por sua voz discursiva.

Para a formação do ato de linguagem, Charaudeau (2005, p. 13-17) aponta que os sujeitos envolvidos se articulam em um jogo de influências, guiado pelos propósitos comunicativos específicos de cada interação. Esse processo, denominado

de “semiotização do mundo”, transformaria o mundo a significar em um mundo significado (Charaudeau, 2005, p. 14), possibilitando a troca interativa por meio de diversas semioses, verbais ou não verbais, representadas pela relação entre forma e sentido dos signos. Esse processo se desenvolve simultaneamente por meio dos **processos de transformação e de transação**.

O **processo de transformação**, para sua realização, abrange quatro etapas, como a da **identificação**, que consiste em nomear o objeto ou ser do mundo a ser designado, conferindo-lhe identidades sígnicas **nominais**; a da **qualificação**, que promove uma qualificação do objeto nomeado, transformando-o em identidades sígnicas **descritivas**; a da **ação**, que representa os processos realizados por sujeitos, atribuindo-lhes identidades sígnicas **narrativas**; e, por fim, a da **causação**, que estabelece relações lógicas de causalidade entre os acontecimentos, determinando a **progressão lógica do texto**. Nesse processamento, segundo Charaudeau, constrói-se o sentido da língua, que revela seus significados primários, literais e indicais, considerando, dessarte, a camada semântica da palavra.

Por outro lado, o **processo de transação** permite que a conversão simbólica da realidade construída no processo de transformação seja utilizada como objeto de troca, de interação entre os sujeitos do ato de linguagem.

Esse processo ocorre de maneira conjunta e baseia-se em quatro princípios indissociáveis: o da **alteridade**, o qual possibilita os sujeitos no discurso reconhecerem-se como iguais ou semelhantes; o da **pertinência**, o qual permite os sujeitos avaliarem a adequação do discurso conforme um dado contrato comunicativo, sustentado por saberes compartilhados entre eles; o da **influência**, o qual guia o sujeito comunicante a empregar estratégias para que o sujeito interpretante adote o ponto de vista do emissor, seja por convencimento, seja por indução, seja pela emoção; e, por fim, o da **regulação**, o qual controla, de forma coercitiva, as regras enunciativas e as estratégias discursivas dos sujeitos de acordo com a natureza discursiva de cada contrato de comunicação.

O processo de transação, situadas no contexto comunicativo, regula as escolhas lexicais e icônicas situadas no processo de transformação, evento linguageiro esse que Charaudeau (2005, p. 16-17) chama de “liberdade vigiada”. Convém enfatizar, nesse sentido, que essa apreciação da construção linguageira, por parte do interlocutor, dar-se-ia, sempre, em um quadro de negociação comunicativa,

guiada, contextualmente, por um dado contrato de comunicação e por suas condições situacionais de produção discursiva.

Tal compreensão e interpretação do ato de linguagem, assim como a detecção das estratégias em questão expressas em certo contrato comunicativo por parte do interpretante do discurso, são viabilizadas, segundo Charaudeau, por uma **competência leitora** inata ao ser humano.

Assim sendo, Charaudeau entenderá que a natural capacidade dos sujeitos comunicante e interpretante de se intercompreenderem é dada por três competências humanas que atuam em conjunto: a **competência situacional**, a **semântico-discursiva** e a **competência semiolinguística**.

A **competência situacional** exige, por parte do EUC, a capacidade de adequar o seu ato linguageiro a um dado contrato de comunicação “de acordo com a situação comunicativa, as identidades dos sujeitos partícipes, as finalidades postas em jogo na encenação do dizer e as suas circunstâncias materiais” (Charaudeau, 2001, p. 6)¹. Tal competência implica, também o julgamento por parte do EUC quanto à pertinência do discurso conforme os meios comunicacionais usados na interação (se a comunicação é oral ou escrita; se os interlocutores estão próximos ou distantes, se o contexto de comunicação é formal ou informal etc.) e com as identidades sociais dos sujeitos.

Ligada à **competência situacional**, a **competência semântico-discursiva** (Charaudeau, 2001) diz respeito à aptidão do EUC, sob uma dada intencionalidade, não só de elaborar estratégias discursivas com vistas a influenciar o TUI, de acordo com as restrições estabelecidas por cada contrato de comunicação, acordadas entre as partes do diálogo, como também de reconhecer os saberes compartilhados em comum por uma determinada coletividade, sejam eles de **conhecimento**, que são saberes devidamente comprovados de forma científica ou empírica, sejam eles de **crença** (ou de **doxa**), que advêm do juízo de valor do indivíduo, sendo reforçados na/pela interação dos grupos sociais ao longo do tempo. Tais saberes, de seu lugar, são a base da criação dos **imaginários sociodiscursivos**² de uma coletividade (Charaudeau, 2017).

¹ “La competencia situacional exige que todo sujeto que se comunica sea apto para construir su discurso en función de la identidad de los protagonistas del intercambio, de la finalidad del mismo, su propósito y sus circunstancias materiales”.

² Explicaremos o conceito semiolinguístico de **imaginário sociodiscursivo** na seção 4 deste artigo.

Por fim, a **competência semiolinguística** remete à habilidade natural de o falante reconhecer a forma, o conteúdo dos signos e os seus respectivos níveis de organização linguística (fonológica, morfológica, sintática e semântica no caso da linguagem verbal) e icônica (no caso da linguagem não verbal), e aplicá-los, em correto significado, consoante o contexto de comunicação e a intencionalidade de seus empregos por parte do EUc. Assim sendo, tais competências estabelecem as bases da apreensão da coerência de sentido do texto por parte do TUi, que norteiam, em conjunto, os processos de **interpretação** e de **compreensão** leitora humana.

Com as bases teóricas em Semiolinguísticas firmadas, esclareceremos, a seguir, as características do contrato/gênero textual, situado no **domínio discursivo midiático**, que será a base para a análise de nosso *corpus*: **a notícia**.

3 O propósito comunicativo firmado: o contrato notícia

A respeito da noção de **contrato de comunicação** (Charaudeau e Maingueneau, 2018, p. 130), ao ser guiada por certas intencionalidades pragmático-discursivas viabilizadas e inter-reconhecidas, cognitivamente, pelos sujeitos da interação, define-se como a condição ou a motivação para os parceiros de um ato de linguagem, a partir de um dado propósito comunicativo, intercompreenderem-se minimamente e, assim, poderem interagir em um processo de coconstrução de sentido, que é a meta essencial de qualquer ato de comunicação.

A **notícia**, tida como o contrato de comunicação-base de nosso *corpus*, apresenta-se, como temática (Bakhtin, 2000, p. 279), o propósito discursivo de relatar fatos ocorridos recentemente na vida social e que sejam considerados relevantes, atuais e surpreendentes por uma comunidade discursiva.

O tratamento dado ao tema pode ser **realístico**, **factual** ou **sensacionalista**. O nível situacional desse texto refere-se, portanto, ao contexto imediato no qual o texto é produzido e posto em circulação. Nesse sentido, segundo Alves Filho (2011) pode-se incluir, nesse campo contextual do discurso *notícia*, o **tempo**, o **espaço físico** e o **suporte/portador textual** em que o texto é produzido e posto em circulação para os seus leitores, estando eles presentes ou presumidos.

A notícia, consoante Costa (2009, p. 158-159), na qualidade de gênero textual, pode ser definida como “relato ou narrativa de fatos, acontecimentos, informações,

recentes ou atuais, do cotidiano, ocorridos na cidade, no campo, no país ou no mundo, os quais têm grande importância para a comunidade e o público leitor, ouvinte ou espectador.”.

Sua estrutura composicional inicia-se com o **título** ou **manchete**, que, conforme Charaudeau (2019, p. 236), encontra-se “inteiramente na zona do ‘acontecimento relatado’ mesmo que um ou outro apresentem, de maneira mais ou menos explícita, elementos de comentário.”.

Após o **título** da notícia, escrita em fonte maior para chamar a atenção do leitor, geralmente se encontra o **subtítulo**, que resume estrategicamente o que virá no corpo da notícia, de modo a incentivar o leitor a se aprofundar na leitura. O **lead** ou, em português, **lide**, é o primeiro parágrafo da notícia, que tem a função comunicativa de resumir os fatos que serão detalhados mais à frente. Em relação ao seu conteúdo, Lage (2006, p. 28) afirma que o lide “é o relato do fato principal de uma série, o que é mais importante ou interessante.”. Para o referido autor (2006, p. 29) e para Costa (2009, p. 140), o lide, na intenção discursiva de resumir os fatos, informa **quem** fez o que a quem, **quando**, **onde**, **como**, **por que** e **para quê**.

Na sequência, tem-se o **corpo de texto ou da notícia**, considerado a parte mais desenvolvida do texto noticiário, uma vez que revela a documentação das afirmativas presentes no lide, a fim de que o leitor possa compreender melhor o fato noticiado, **seja em texto expositivo, seja em texto narrativo**, a depender do teor discursivo noticiado. Adotamos, aqui, a noção de tipo textual defendida por Marcuschi (2008, p. 154-157).

O conteúdo das notícias precisa ser objetivo, conciso, claro, transparente e escrito em terceira pessoa, escrita em linguagem referencial. Desse modo, por ser de **natureza imparcial**, o texto notícia deve estar isento de qualquer tipo de engajamento partidário ou de certo juízo de valor, transmitindo a verdade da maneira mais fiel possível. Assim, o **ato de informar**, a partir da composição textual das notícias, segue certas características, de modo que os objetivos visados, tanto no bojo da captação quanto no bojo econômico, sejam atingidos, como destaca Charaudeau:

As restrições situacionais (informar sobre os dramas e tragédias da vida cotidiana/incitar o interesse pelo assunto) fazem com que, no nível discursivo, a narrativa tome ares de uma narrativa fantástica como a interrogação sobre o destino humano. Logo, a composição textual se caracteriza por: uma abertura

que apresenta o resultado dramático do fato; um retorno às causas sem jamais poder propor uma que seja a certa, deixando, assim, o leitor em suspense; um desfecho (uma queda) que se interroga sobre os males deste mundo e a miséria humana (Charaudeau, 2004, p. 31).

Para o teórico francês, a notícia, em um modo geral, promove a construção filtrada dos acontecimentos. Desse modo, a notícia, ainda que sub-repticiamente, expressaria um certo engajamento como argumento subjacente, aproveitando-se, assim, do simbolismo da linguagem para disseminar os seus próprios valores; nesse sentido, o autor francês comenta que, nas mídias, “o acontecimento é sempre construído” (Charaudeau, 2019, p. 95). Sobre esse fato, Costa (2009, p. 159), em sua explanação sobre o gênero **notícia**, reflete que a notícia não coloca a condição de ser verdadeira em seu discurso factual, mas, sim, de parecer verdadeira perante o seu público leitor, o que, de fato, dá margem à produção de notícias sensacionalistas e (por que não) à disseminação de *fake news*.

Para colocar em prática a sua narrativa a respeito da inação do governo em relação ao processo de vacinação da população contra a Covid-19 perante a sua instância leitora, *O Globo* lançou mão de alguns artifícios languageiros, como as relações lógicas de **restrição**, de **conjunção** e de **causalidade hipotética**, situadas no **sentido de língua**, para que seu argumento lograsse êxito perante a sua instância leitora na dimensão discursiva da linguagem. Assim sendo, detalharemos essas estruturações do pensamento, por sua vez, no próximo item.

4 A malha linguística: uma breve revisão de literatura sobre os relatores de *contrajunção*, de *conjunção* e de *causalidade hipotética*

Em conformidade com a proposta de análise do nosso *corpus*, daremos prioridade, neste trabalho, a três específicas relações do raciocínio e do pensamento humanos, situados, logo, no âmbito do **processo de causalidade de semiotização do mundo**, responsável, na perspectiva semiolinguística, pela construção lógico-racional do discurso: **a de contrajunção**, **a de conjunção** e **a de causalidade**.

Detalharemos, em seguida, as características semântico-pragmático-discursivas desses relatores, na medida em que visamos analisar como o contexto influencia as escolhas linguísticas, situadas no circuito interno do ato de linguagem, de acordo com certa estratégia pragmático-discursiva por parte do comunicante do discurso que, no caso de nosso *corpus*, é a instância de produção *O Globo*.

No tocante à relação de **contrajunção**, Ducrot (1988), em seus estudos de Macrossintaxe Argumentativa, considera o **conectivo MAS um operador argumentativo por excelência**, pelo fato de ele poder introduzir, como argumento, um movimento cognitivo, crenças, preconceitos, opiniões, emoções etc. Nesse sentido, ao se ter, como exemplo, a frase “Paes fala em imunização em janeiro, **mas** depende do plano federal”³, no subtítulo da notícia veiculada na capa de *O Globo* do dia 4 de janeiro de 2021, notamos que há dois elementos, – p (a primeira oração) e q (a segunda oração) –, que se contrapõem. Segundo Monnerat (2001, p. 139), “ p orienta para uma conclusão R e q para uma conclusão contrária a $\sim R$, sendo q o argumento mais forte para $\sim R$ do que p o é para R , o que faz com que o conjunto p MAS q seja orientado no sentido de $\sim R$ ”.

Sob a égide do sentido, Charaudeau, em sua emblemática obra *Grammaire du sens et de l'expression* (1992, p. 493-550), proporá um novo olhar sobre as relações lógico-semânticas no âmbito do período composto, que vai de encontro, em certa medida, à abordagem normativa, logo, tradicional (Cunha e Cintra, 2014), tão presa a regras que intentam nos direcionar a um uso ideal de língua.

A respeito do relator **MAS**, Charaudeau (1992, p. 514-524) defende que a relação promovida por esse conector, demonstrada no exemplo anterior, na verdade, delimitaria uma peculiar relação lógico-semântica de **restrição**. Na leitura semiolinguística sobre essa relação, a primeira oração do período seria a **asserção de base** (equivalente à asserção p , que na tradição, é classificada como oração assindética), e a seguinte, a **asserção restritiva** (relativo à asserção q , que, na gramática normativa, é concebida como oração coordenada sindética adversativa). Elas, segundo o autor, para relacionar um valor restritivo, como a oração coordenada sindética adversativa), que, por sua vez, encontram-se **ligadas por um eixo semântico que as interligam**, isto é, “duas asserções que tem ao menos um elemento constitutivo em comum”⁴ (Charaudeau, 1992, p. 514)

A partir dessa relação, Charaudeau cita como uma característica exclusiva da **restrição** o fato de que há, nesta, uma terceira asserção, **a implícita** (equivalente à asserção $\sim R$, o que não se daria, segundo o autor, em uma relação de **oposição**), a qual, tida como uma consequência provável da asserção de base, seria a que, na

³ *O Globo*, 04 jan. 2021. Disponível em: <https://infoglobo.pressreader.com/o-globo/20210104/page/1>. Acesso em: 22 jul. 2024.

⁴ “[...] deux assertions qui ont au moins un élément constitutif en commun.”

verdade, é **negada** pela asserção restritiva *q*, tendo grande peso argumentativo. Dessa forma, tal contrajunção **limitaria**, ou seja, **restringiria**, em sentido, as possibilidades implícitas de ação previstas como possíveis consequências da asserção de base. Sobre essa reflexão, o professor comenta que

Essas duas asserções são relacionadas de tal maneira que uma dessas (geralmente, a segunda, mas isso depende do tipo de construção) *nega* a asserção (mais frequentemente, a implícita) que poderia ser uma das consequências da outra asserção (considerada como asserção de base). E é porque a negação se refere somente a uma das consequências possíveis da asserção de base, e não sobre esta, que se deve falar de operação de “Restrição” (e não de “Oposição”) (Charaudeau, 1992, p. 514)⁵.

Charaudeau considera, particularmente, a **relação de oposição** como a que coloca duas ações em contraste, expressando valores semânticos antonímicos de modo direto e explícito, não havendo, assim, como o supracitado, asserções implícitas como as notadas na relação de restrição, sendo, por isso, representada por outros relatores, como **enquanto, ao passo que etc.** Um exemplo claro de oposição na lógica semiolinguística pode ser visto no exemplo dado pelo período “**“Enquanto Alemanha e Reino Unido tomam caminho oposto na indicação do produto contra Covid-19 para pessoas acima de 65 anos, a Sociedade Brasileira de Imunizações endossa o uso nessa faixa etária, que considera seguro.”**”⁶.

No âmbito da conjunção (aqui entendida não como o nome da classe gramatical, mas, sim, no sentido de ‘junção com’), temos, por conseguinte, o relator **E** como o principal. Segundo Monnerat (2003, p. 187-192), o referido relator faz parte da concepção tradicional aditiva ou copulativa de língua que lhe é atribuída, assim como a **correlação aditiva** (Oiticica, 1962)⁷.

No entanto, a pesquisadora alerta que alguns autores, em suas pesquisas sobre o assunto, perceberam que, não obstante haver uma forma copulativa de coesão sequencial aditiva promovida pelo relator **E** em seu bojo, existe, de acordo com

⁵ “Ces deux assertions sont reliées de telle manière que l’une de celles-ci (généralement la seconde, mais cela dépend du type de construction) *nie* l’assertion (le plus souvent implicite) que pourrait être l’une des conséquences de l’autre assertion (considérée comme l’assertion de base). Et c’est parce que la négation porte seulement sur l’une des conséquences possibles de l’assertion de base, et non sur celle-ci, que l’on doit parler d’opération de “Restriction” (et non de “Opposition”).”

⁶ *O Globo*, 04 fev. 2021. Disponível em: <https://infoglobo.pressreader.com/o-globo/20210204/page/1>. Acesso em: 5 ago. 2024.

⁷ Segundo Oiticica, em sua conhecida **Teoria da Correlação** (1962), são consideradas **correlações aditivas** os pares *não só...mas também; não só...como também; não só...assim como etc.*

fatores contextuais, a expressão de outros valores lógico-semânticos promovidos pelo referido conector, configurando um uso “coringa” seu na construção do discurso, possibilitado, possivelmente, por sua breve integridade fonética.

Charaudeau (1992, p. 493-510) ainda nos indica que o relator **E** evoca, no bojo da frase complexa, a **conjunção** de enunciados pela relação lógico-semântica de “junção com” (não o nome da conhecida classe gramatical). Segundo o estudioso, a conjunção é “uma operação que consiste em relacionar duas asserções das quais um, ao menos, dos elementos constitutivos de uma é semanticamente idêntico a um dos elementos constitutivos de outra.” (Charaudeau, 1992, p. 498)⁸.

A partir dessa noção, o teórico francês avança oito valores semânticos promovidos pelo conector **E**, o que direciona a sua natureza semântica “coringa”, tais como o de **tempo**, que abarca tanto o valor de **sucessividade** (no sentido de “em seguida”), quanto o de **simultaneidade** (no sentido de ‘ao mesmo tempo’), como o notado em ““Especialistas destacam a segurança **e** [AO MESMO TEMPO] a eficácia da CoronaVac **e** [EM SEGUIDA] defendem o início da vacinação assim que sair a aprovação da Anvisa, o que pode acontecer no domingo”⁹.

Há, também, o **E** de **restrição**¹⁰ (no sentido não no de ‘exclusão’, mas, sim, no de ‘mas’ e no de ‘no entanto’), como o visto no exemplo “Em Manaus, 49 bebês dependem de oxigênio para viver, **e** o governo não sabe quanto durará o estoque [...]”¹¹; o de **oposição**⁸ (equiparado ao valor correlativo de ‘de um lado... de outro lado’, de ‘de uma parte... de outra parte’ e de ‘enquanto’), como o visto nos períodos “Ele mentiu, mas há mentiras **e** mentiras.” e “há casos **e** casos...”; e o de **consequência** (no sentido de ‘portanto’ e de ‘então’), como o analisado no exemplo “Contágio se agrava no Rio, **e** todas as regiões da cidade têm risco alto”¹².

Quanto à relação de **causalidade hipotética**, Azeredo (1990, p. 101), em seus aprofundados estudos sobre os períodos condicionais, propõe três níveis de

⁸ “[...] est une opération que consiste à relier deux assertions dont l’une, au moins, des éléments constitutifs de l’une est sémantiquement identique à l’un des éléments constitutifs de l’autre”.

⁹ O *Globo*, 13 jan. 2021 (grifos e acréscimos nossos). Disponível em: <https://infoglobo.pressreader.com/o-globo/20201113/page/1>. Acesso em: 26 jul. 2024.

¹⁰ Nesses casos, o relator **E** não cumprirá uma relação de adição, sendo nesse contexto, sinônimo do conector **MAS**.

¹¹ O *Globo*, 20 jan. 2021. Disponível em: <https://infoglobo.pressreader.com/o-globo/20210120/page/1>. Acesso em: 27 jul. 2024.

¹² O *Globo*, 23 jan. 2021. Disponível em: <https://infoglobo.pressreader.com/o-globo/20210123/page/1>. Acesso em: 28 jul. 2024.

condicionais comuns às línguas. O **grau máximo de hipótese**, ao abarcar as **condicionais eventuais**, permanentes e factuais, cuja correlação verbal se dá na relação entre o futuro do subjuntivo (ou presente do indicativo, na oração condicional) e o presente do indicativo (oração principal), expressa uma discursividade próxima à causalidade no sentido de promover uma hipótese mais próxima de acontecer ou uma asserção condicional geral, formalizada pela construção *se...então*, como o notado em “**Se** não me **vacino**, (então) eu **corro** risco de me infectar.”¹³

O **grau médio de hipótese** (Azeredo, 1990), que reúne as **condicionais hipotéticas**, segundo Mira Mateus *et al.* (1983, p. 461-462), cuja correlação verbal se dá entre o futuro do subjuntivo (oração condicional) e o futuro do presente (oração principal), expressa uma condição **provável, potencial**, porém incerta de acontecer. Sobre esse fato, Monnerat afirma que “o conteúdo proposicional do antecedente especifica o mundo real não acessível (no intervalo de tempo em que a sequência é enunciada) em que se verifica o conteúdo proposicional do consequente” (2003, p. 155). Tal exemplo pode ser notado em “**Se** não **mudar** o objetivo da CPI, **vai vir** só em cima de mim”¹⁴.

Por fim, o **grau máximo de hipótese** (Azeredo, 1990, p. 101), ao convergir as visões respectivas de condicionais **contrafactuais** (Mira Mateus *et al.*, 1983, p. 463-464), cuja correlação verbal, ao se dar entre o pretérito imperfeito do subjuntivo (oração condicional) e o futuro do pretérito do indicativo (oração principal), direciona, como discurso, uma hipótese impossível, imaginada ou não realizável, como o lido no período “**Se** o governo federal **agisse** coordenadamente com os governos estadual e municipal, os danos econômicos e sociais causados pela pandemia do novo coronavírus, provavelmente, **seriam** minimizados”.¹⁵

Charaudeau (1992, p. 546), no estudo das **cláusulas hipotéticas**, as quais considera um caso de **causalidade hipotética**, cita que elas se desenvolvem, em perspectiva, de acordo com as correlações temporais que as permeiam, o que, de certa maneira, dialoga com as abordagens supracitadas, contudo, descolando-se da simples ideia de condição. Nas palavras do linguista, as hipóteses “se inscrevem em

¹³ Exemplo de nossa autoria.

¹⁴ *O Globo*, 12 abr. 2021. Disponível em: <https://infoglobo.pressreader.com/o-globo/20210412/page/1>. Acesso em: 18 ago. 2024. Salientamos que a locução verbal de futuro grifada no exemplo, formada pelo verbo auxiliar **ir + o verbo principal no infinitivo**, é comum na coloquialidade do português brasileiro.

¹⁵ Exemplo de nossa autoria.

uma visão temporal de inatualidade, com esta podendo se subdividir em três categorias, conforme esta inatualidade se refira a um quadro de enunciação *presente*, *passado* ou *futuro*”¹⁶, engendrando-se, desse modo, a **hipótese presente**, a **hipótese futura** e a **hipótese passada**.

Ao fazermos uma correlação da visão de Charaudeau com as de Azeredo e de Mira Mateus sobre a causalidade hipotética, temos a correspondência, respectivamente, da **hipótese presente** com o **grau máximo de hipótese ou factual**, da **hipótese futura** com a **condicional de grau médio ou hipotética**, bem assim como da **hipótese passada** com o **grau mínimo ou contrafactual**.

Como todas as escolhas linguísticas, conforme a Semiologia, são motivadas por um dado contexto psicossocial, histórico, cultural e discursivo, discorreremos, a seguir, sobre os condicionantes externos ao ato de linguagem que, de acordo com a nossa visão analítica, foram mobilizados para se construir a narrativa e, conseqüentemente, por meio desta, a argumentação desejada: os **imaginários sociodiscursivos** e os breves conceitos de **narratividade** e de **argumentação**.

5 A teia discursiva midiática: imaginário, narratividade e argumentatividade

Charaudeau (2012, p. 157) comenta que, na narração, a construção do mundo ocorre a partir de ações interligadas, encadeadas de maneira progressiva, conforme uma dada lógica de relato. No modo narrativo, percebemos a construção de um “universo narrado”, realizada por um sujeito narrador, que está associado ao sujeito destinatário por meio de um contrato de comunicação.

O **jornal**, por sua vez, na qualidade de instância midiática de produção do discurso, na qual se insere o contrato **notícia**, apresenta, nesse ato de comunicação, sua finalidade de **informar**. Sendo assim, tal contrato de comunicação consiste em um acordo firmado entre as partes, que seriam a instância midiática de produção – o jornal *O Globo* – e a instância receptora – o leitor – por meio de interesses comuns. Cabe salientar que o leitor só considerará a notícia relevante caso ele a valide, problematizando-a na direção prevista pelo sujeito comunicante.

Diante disso, o eu-comunicante (o jornal de referência *O Globo*) constrói a figura do tu-destinatário (a instância cidadã – o leitor) de modo a se imiscuírem nesse

¹⁶ “[...] s’inscrivant dans une vision temporelle d’inactualité, celle-ci, peut se subdiviser em trois catégories, selon que cette inactualité se réfère à um cadre d’enonciation présent, futur ou passé.” (Charaudeau, 1992, p. 546).

contrato de comunicação, que envolve, pela relação de alteridade e de pertinência situada no processo de transação de semiotização do mundo, para o entendimento da notícia, os saberes de conhecimento e de crença compartilhados pelos parceiros, mencionados em seções anteriores. Entre esses saberes, que podem ser bastante variados, encontram-se os **imaginários sociodiscursivos**.

O **imaginário sociodiscursivo** (Charaudeau, 2017, p. 571-591) é uma proposição de visão do mundo norteada nos saberes que constroem os sistemas de pensamento, os quais podem se excluírem ou se sobreporem uns aos outros. Cabe, portanto, ao analista do discurso verificar como os imaginários aparecem, em qual situação comunicativa eles se inscrevem e qual visão de mundo eles testemunham.

Desse modo, as representações sociodiscursivas acerca do eixo temático – imunização contra a Covid-19 no Brasil no primeiro semestre de 2021 –, expressas nas notícias de capa presentes no *corpus* deste artigo, são como mininarrativas que descrevem os actantes sociais e o cenário pandêmico em que o mundo estava inserido. Assim sendo, as notícias e os seus subgêneros consistem em fragmentos narrados do mundo que revelam frequentemente o **ponto de vista** de um sujeito, logo, **argumentos**. Esses enunciados são propagados na comunidade social, propiciando uma grande rede de intertextos que se reagrupam, constituindo imaginários sociodiscursivos.

Sob esse prisma, “contar” é ainda elaborar um universo de representação das ações humanas por intermédio de um duplo imaginário pautado em dois tipos de crença – de conhecimento e de crença – que se referem ao mundo, ao ser humano e à verdade (Charaudeau, 2012, p. 154).

As notícias jornalísticas que compõem o nosso *corpus*, de seu lugar, apresentam um testemunho histórico sobre o processo de imunização contra a Covid-19 no decorrer do primeiro semestre de 2021, que procura reconstituir, objetivamente, via discurso informativo, uma parte da realidade passada, visando tirar dos indivíduos a ignorância sobre os acontecimentos cotidianos.

Conforme Charaudeau, **informar** seria “a transmissão de um **saber**, com a ajuda de uma determinada **linguagem**, por alguém que o possui a alguém que se presume não possuí-lo” (Charaudeau, 2019, p. 33, grifos nossos). Dessa forma, sob o olhar semiolinguístico, ao termos o gênero textual **notícia** como exemplo, o **ato de informar**, no sentido de “**contar**”, de “**descrever**” ou de “**explicar**”, dar-se-ia,

segundo o linguista francês, *via discurso*, cujo interpretante coletivo, na qualidade de **instância leitora**, passaria, teoricamente, de um **estado de ignorância a um estado de saber**, via operações de **interpretação e de compreensão**, pelas quais “o mundo a significar” passaria a ser entendido como um “mundo a descrever e comentado”, e o “mundo significado”, como “um mundo descrito e comentado” (Charaudeau, 2019, p. 41), forjando, desse modo, o **discurso informativo**.

Essa reconstituição dos fatos feita por um sujeito compósito é permeada, no seu projeto de fazer, por uma **intencionalidade**. A fim de informar o seu leitor (**fazer saber**), o sujeito comunicante compósito, que, em nosso caso, é a instância de produção *O Globo*, seja pela descrição, seja pela narração, seja pela exposição, visa direcionar o seu interlocutor, de modo subjacente, por certos argumentos, a aderir ao seu projeto de discurso. Charaudeau, a respeito disso, salienta que a argumentação, para ser eficiente, precisa de:

- uma proposta que provoque um questionamento quanto à sua legitimidade;
- um sujeito que desenvolva um raciocínio para demonstrar a aceitabilidade ou legitimidade quanto a essa proposta;
- um outro sujeito que se constitua o alvo da argumentação, de modo a compartilhá-la da mesma convicção (Charaudeau, 2012, p. 205).

Para o semiolinguista, a **argumentação** é uma atividade de linguagem que acarreta vários procedimentos discursivos, sobre os quais prevalecem a **lógica e o princípio da não contradição**. O sujeito argumentador encontra-se em uma dupla busca: a racionalidade, procurando atingir um ideal de verdade; e a persuasão, a fim de atingir um ideal de persuasão.

Assim sendo, a argumentação visa, a partir de determinadas interpretações do real e de uma intencionalidade por parte de quem argumenta, convencer ou demover alguém de alguma opinião, a promover o diálogo com o outro por meio de relações lógicas e coerentes de ideias, de modo a levar o interpretante da mensagem a aderir ao seu discurso, o que nos faz tecer uma tênue relação entre **argumentação** e **dialogismo**. Nessa concepção de produção discursiva, segundo Koch e Elias (2017, p. 11), toda **intencionalidade** pressuporia **argumentação**, uma vez que a **argumentatividade**, de acordo com as autoras, é subjacente à discursividade humana, pois, “troca de ideias, tomada de posição, discussão, tudo isso tem a ver com argumentação [...]”.

Nessa linha de pensamento, Cavalcante *et al* concordam com as autoras, ao comentarem, sobre o assunto, que “Todo texto é argumentativo, uma vez que, em todos, há um sujeito que, embora sofra coerções sociais, culturais e ideológicas, tem sempre intencionalidade e tenta influenciar o outro a repensar **pontos de vista**” (Cavalcante *et al.*, 2020, p. 131, grifo nosso).

As pesquisadoras em comum defendem, nesse sentido, que simples comunicações, na maioria das vezes, aspiram à mobilização do interlocutor sob diversos motivos. Para tanto, usam-se, estrategicamente, a partir de suas experiências de mundo, recursos de linguagem para se alcançar o intento desejado, ou seja, fazer – por indução ou por incitação –, com que o receptor da mensagem se convença ou se sinta seduzido pelo discurso do locutor.

Em síntese, Koch e Elias ponderam que argumentar seria o resultado textual de uma combinação entre **diferentes componentes**, que exige do sujeito que argumenta construir “uma explicação, recorrendo a experiências individuais e sociais, num quadro espacial e temporal de uma situação **com finalidade persuasiva**” (Koch e Elias, 2017, p. 131, grifo nosso).

Com o arcabouço teórico que justificará a nossa análise devidamente fundamentado, sigamos, agora, à análise de nosso *corpus*.

6 Análise do *corpus*

Com a nossa abordagem de pesquisa respaldada nos princípios teóricos apresentados anteriormente, examinaremos, **em caráter qualitativo**, quatro notícias de capa do jornal *O Globo* publicadas no primeiro semestre de 2021 e reproduzidas no site www.vercapas.com.br, visando observar **os efeitos de sentido direcionados pelos operadores lógicos de restrição, de conjunção e de causalidade**, analisando suas marcas e a sua construção discursiva, com vistas a uma certa orientação argumentativa. Vamos a elas.

6.1 À guisa de exemplificação: o conector contrajuntivo “mas”

Figura 1 - Recorte de um dos textos de capa do jornal O Globo de 08 de janeiro de 2021.



Fonte: <https://infoglobo.pressreader.com/o-globo/20210108/page/1>. Acesso em: 26 jul. 2024.

Segue a transcrição do corpo do texto da Figura 1:

Da primeira morte, em 17 de março, aos 200 mil óbitos atingidos ontem, o Brasil trilhou um caminho marcado pela recusa do governo federal em assumir a liderança do combate à doença. Para cientistas, país tornou-se pária da saúde pública: sem testagem em massa, sem distanciamento social e ainda sem vacina, **enquanto** mais de 40 nações já começaram a imunizar seus cidadãos. Somos o segundo país em número de mortes no mundo, superando projeção do pior cenário, que era de 180 mil óbitos. Bolsonaro disse numa rede social: “a gente lamenta, **mas** a vida continua.

Perante o dito relatado¹⁷ (Charaudeau, 2019, p. 161) do presidente da República de então, Jair Bolsonaro – “A gente lamenta, **mas a vida continua**” (corpo do texto) –, a instância midiática de produção – o jornal *O Globo* – direciona ao sujeito interpretante leitor, via **relação restritiva**, promovida pelo relator **MAS**, possivelmente, a expressão da falta de empatia do **chefe** do Poder Executivo acerca do alarmante número de casos de letalidade em decorrência da doença provocada pelo novo coronavírus.

A ênfase dada pelo sujeito enunciador do período – o presidente da República – reflete o contraste entre a incapacidade de se comover diante de 200 mil mortes e a capacidade de emitir um julgamento positivo sobre essa grave crise sanitária, de dimensão planetária, uma vez que se espera, nessa asserção de base “A gente lamenta”, consequências possíveis suas a serem proferidas, na sequência estrutural do período, tais como palavras reconfortantes de empatia, de compaixão, de lamento etc., tidas como as asserções implícitas (Charaudeau, 1992). Contudo, essas consequências são negadas pela asserção restritiva introduzida pelo vocábulo **MAS**, em “**mas a vida continua**”, que anula, por seu turno, qualquer consequência lógica esperada, ecoando, aparentemente, um certo discurso de distanciamento com a situação pandêmica e mortífera que nos assolava.

Além disso, a etapa de **causação** em questão sugere, como argumento, nesse caso, por parte de *O Globo*, a inação do governo federal diante da condução ao enfrentamento da pandemia de Covid-19 e, conseqüentemente, da má gestão para a aquisição rápida dos imunizantes disponíveis no início do ano de 2021, visto contextualmente no intervalo “Para cientistas, país tornou-se pária da saúde pública: sem testagem em massa, sem distanciamento social e ainda sem vacina, enquanto mais de 40 países já começaram a imunizar seus cidadãos”, presente no corpo do texto da notícia.

Vale salientar, ainda, que os **sintagmas preposicionais** “**sem testagem em massa**”, “**sem distanciamento social**” e “**sem vacina**”, empregados pelos sujeitos enunciadores cientistas, orientam o imaginário sociodiscursivo de que o fato de não haver testagem em massa, distanciamento social e vacina, considerados essenciais para o combate ao novo coronavírus pela comunidade científica, propicia uma maior disseminação do novo coronavírus entre a população brasileira.

¹⁷ Terminologia semiolinguística para o que chamamos, tradicionalmente, nas narrativas, de **discurso indireto**.

Charaudeau (1992, p. 502) nos lembra de que o **conector “SEM”** nega a associação, pressupondo que sua associação com o termo anterior seria possível, uma vez que “o emprego desse relator pressupõe que B podia estar associado a A”.¹⁸ Sob esse prisma, constatamos que a falta de testagem em massa, distanciamento social e vacina – atitude visivelmente tomada pelo Governo Federal – é prejudicial ao combate ao novo coronavírus.

Nessa senda, faz-se necessário recorrer à significação linguística, visando à apreensão do **conteúdo pressuposto**, implícito de língua, da declaração feita pelos cientistas – “Para cientistas, país tornou-se pária da saúde pública: sem testagem em massa, sem distanciamento social e ainda sem vacina, **enquanto** mais de 40 nações já começaram a imunizar seus cidadãos. Somos o segundo país em número de mortes no mundo, superando projeção do pior cenário, que era de 180 mil óbitos.”.

Assim sendo, podemos descrever a compreensão do enunciado em questão da seguinte forma, tendo como base o texto da nossa peça de análise:

Posto: [...] país tornou-se pária da saúde pública: sem testagem em massa, sem distanciamento social e ainda sem vacina [...]

Pressuposto: O Governo Federal deveria ter agido de forma rápida e em consonância com a comunidade científica e com os especialistas da área de Saúde, a fim de dirimir as taxas de contaminação pelo novo coronavírus e por conseguinte, a sobrecarga dos hospitais e os índices de letalidade da doença.

Vale salientar que o relator **enquanto**, nesse enunciado, constrói uma **relação de oposição** (Charaudeau, 1992, p. 522-523), colocando asserções diretamente contrárias, “lado a lado”,¹⁹ representando, respectivamente, o grupo de países que estariam fazendo o processo correto, em uma asserção (a de oposição, introduzida por esse relator), e o Brasil, que estaria fazendo o contrário do que se deveria, segundo a comunidade científica, para combater o coronavírus, na outra asserção (a de base). Tal relação lógica veicula o argumento, por parte de *O Globo*, de que nosso país estaria na “contramão” do que pensa a ciência, logo, agindo de maneira negligente para com a população.

¹⁸ “L’emploi de ce relateur présuppose que B pouvait être associé à A”. (Charaudeau, 1992, p. 502).

¹⁹ “deux à deux” (Charaudeau, 1992, p. 522).

Figura 2 - Recorte de um dos textos de capa do jornal O Globo de 15 de julho de 2021.



Fonte: <https://infoglobo.pressreader.com/o-globo/20210715/page/1>. Acesso em: 29 ago. 2024.

Na **manchete/título da notícia**, a contraexpectativa provocada pelo **relator “MAS”** no período “Cai ocupação de UTI, **mas** Fiocruz pede cautela”, notoriamente limita, por parte de *O Globo*, o alcance da produção de efeito de sentido pretendido pelo Governo Federal, que desejava passar à população brasileira ares de um grande problema que está sob controle.

Desse modo, a asserção restritiva “a Fiocruz pede cautela”, introduzida por esse conector, nega as consequências possíveis que tal asserção de base promoveria, o que levaria a entender que, se caíram as ocupações de leitos na UTI, então o fluxo pandêmico estaria diminuindo, acarretando, assim, uma flexibilização no isolamento por parte da população. Ao mesmo tempo, tal relação lógica vista na manchete, em uma leitura mais atenta, aciona um efeito subentendido possível de sentido, isto é, o fato de os cientistas estarem preocupados com a disseminação do novo coronavírus entre a população brasileira (e o governo, não).

Neves (2000, p. 755-756) salienta que o **conector “MAS”** “marca uma relação de desigualdade entre os segmentos coordenados e, por essa característica, não há recursividade na construção com **“MAS”**, que fica, pois, restrita a dois segmentos.”. No caso da notícia em tela, os dois segmentos são: “Cai ocupação de UTI, / **mas** Fiocruz pede cautela.

Na **segunda relação restritiva** “Casos e mortes caem há três semanas, **mas** cientistas alertam que patamar ainda é alto, assim como letalidade.”, presente no corpo do texto da mesma notícia, funciona, de certa maneira, como um reforço levemente mais detalhado do expresso pela manchete da notícia. A relação lógica em

questão frisa que, apesar das ótimas notícias, representadas pelo trechos “Dados do Observatório Covid-19, da Fiocruz, mostram redução na ocupação de leitos de UTI pela primeira vez desde novembro: nenhum estado tem taxa superior a 90%”, e “Casos e mortes caem há três semanas”, o comunicante compósito *O Globo*, ao proferir a asserção restritiva, na sequência, “**mas** cientistas alertam que patamar ainda é alto, assim como letalidade.”, **nega** a asserção implícita, ou seja, as consequências imediatas e possíveis advindas da asserção de base que, nesse contexto, seria a flexibilização do isolamento social, alertando tanto a população brasileira quanto às autoridades políticas que ambas estejam atentas e firmes no propósito de combater o novo coronavírus, como advertem claramente os cientistas da Fiocruz.

Para Ducrot (1988), o operador “**MAS**” pode exprimir um movimento psicológico entre crenças, opiniões, emoções, desejos, ainda que implícitos, quando orientados em sentidos contrários. Nota-se, em ambos os casos, que o “**MAS**” desvela desejos de uma coletividade e de não existência dessa realidade pandêmica, e, por que não, da negação do próprio Governo Federal da gravidade da pandemia do coronavírus.

Nesses casos, os enunciados que contêm o **conector** “**MAS**” argumentam em favor da comunidade científica, na medida em que enfatizam a necessidade de a população brasileira e as autoridades políticas estarem cientes de que a pandemia de Covid-19 ainda está em curso, conduzindo a argumentação para a conclusão de que todos devem agir em conformidade com o que os cientistas apregoam.

Diante dessa cena enunciativa, a segunda oração, isto é, a asserção restritiva, assume, mormente, um efeito de sentido positivo, visto que sustenta o pressuposto consensual da comunidade científica de que é fundamental agir com cautela. Observa-se, portanto, a legitimação do discurso científico por parte de *O Globo*, em detrimento do apregoado, como verdade, pelo Governo Federal.

6.2 À guisa de exemplificação: o conector conjuntivo “e”

Figura 3 - Recorte de um dos textos de capa do jornal *O Globo* de 12 de março de 2021



Fonte: <https://infoglobo.pressreader.com/o-globo/20210312/page/1>. Acesso em: 16 ago. 2024.

Segue a transcrição do corpo do texto da Figura 3:

O presidente Bolsonaro reagiu com truculência às medidas de governadores para conter o vírus. Com a rede de saúde em colapso em quase todo o país, ele erroneamente comparou o toque de recolher decretado pelo governador Ibaneis Rocha (DF) a “estado de sítio” e disse que João Dória (SP) “destrói empregos” com medidas restritivas. Em live, Bolsonaro repercutiu a frase “como é fácil impor ditadura no Brasil”, já dita antes num vídeo, e completou: “Estamos vendo municípios com guarda municipal e cassetete mantendo todo mundo dentro de casa. Imagina umas Forças Armadas com fuzil”. O país registrou de novo mais de duas mil mortes por Covid.

A **conjunção conjuntiva “E”**, conforme o explanado por Charaudeau (1992), a partir de seu bojo aditivo, sob dado contexto e dada estratégia enunciativa, já mencionado neste trabalho, pode expressar diversas relações lógicas, tais quais a própria adição, a consequência, a restrição etc.

Na frase complexa que destacamos para apreciação, presente na manchete “Estados apertam o cerco ao vírus e Bolsonaro reage com ameaças”, assume, neste

contexto discursivo, a **matiz semântica de consequência**, visto que equivale a “em razão disso”, “portanto”, “então”, “por isso”, “desse modo”. Tal enunciado mostra-se como o efeito consequente da ação presente na primeira asserção.

Consoante Azeredo (2014, p. 303), o **conector “E”**, em alinhamento com os pressupostos de Charaudeau, pode ligar orações em uma relação de causa e efeito. No caso da manchete apreciada, esse conector, ao apresentar tal relação lógico-semântica, não só promove a adição em cadeia de ações (“Estados **apertam**” e “Bolsonaro **reage**”) – comum a narrativas –, como também, por essa sequenciação de ações, como também desvela, por parte de *O Globo*, a postura reativa e agressiva do mandatário do país quando contrariado em suas opiniões perante ao combate e (até mesmo) a existência da pandemia.

Nesse sentido, a **causação** propicia aos seres da cena enunciativa – a sociedade brasileira – a se questionarem e a refletirem sobre a reação do presidente da República no momento em que os Estados da Confederação Brasileira buscam medidas para evitar a disseminação do novo coronavírus, e, conseqüentemente, o adoecimento da população, uma vez que “o país registrou de novo mais duas mil mortes por Covid” (**CAUSA**), e o presidente da República “reage com ameaças”, “reage com truculência às medidas de governadores para conter o vírus” (**CONSEQUÊNCIAS**). Tal situação demonstra o que Charaudeau (1992, p. 504) defende sobre o uso desse “E”, cuja relação, em seqüência, “costuma vir associada a um ‘efeito de ameaça’”.

Diante dessa cena enunciativa, *O Globo* ecoa, no imaginário coletivo dos sujeitos interpretantes, o questionamento sobre a eficiência da gestão federal diante da crise sanitária que assola o país e a sua (in)capacidade em gerir crises e sobre a confiança nas instituições, evocando, assim, no leitor, o imaginário sociodiscursivo de impunidade que nos ronda a respeito da impunidade de crimes quando cometidos por pessoas influentes, reforçando certa descrença coletiva não sobre a punição para falas que deslegitimam a ciência como também a respeito da resolução dos problemas que cercam a solução ou a amenização da pandemia.

6.3 À guisa de exemplificação: o conector “se”

Figura 4 - Recorte de um dos textos de capa do jornal O Globo de 03 de maio de 2021



Fonte: <https://infoglobo.pressreader.com/o-globo/20210503/page/1>. Acesso em: 24 ago. 2024

Segue a transcrição do corpo do texto da Figura 4:

Com 11 milhões de doses adicionais de vacinas contra a Covid-19 sendo distribuídas aos estados, o Brasil deve elevar de 816 mil para 1,5 milhão o número de pessoas imunizadas por dia. **Se** conseguir manter o ritmo de vacinação, especialistas projetam que o país antecipará para junho a projeção dos 80,5 milhões de brasileiros dos grupos prioritários, um passo importante no controle da pandemia, ao desafogar o sistema de saúde.

Constrói-se, na manchete “**Se** mantiver o ritmo, país pode vacinar prioritários até junho”, nota-se uma relação de causalidade hipotética por meio do conector “**SE**”, construída pela instância compósita, que expressa, como argumento, uma suspeita por parte de especialistas a respeito da imunização, desejando, assim, promover um alerta à população.

Desse modo, há uma suposição do comunicante O Globo em relação à realidade da informação contida na relação hipotética “**Se** mantiver o ritmo”, cujo sujeito oculto é “Governo Federal”, inferido contextualmente. Essa hipótese delinea, discursivamente, um **fato hipotético** (Mira Mateus et al., 1983, p. 461), logo, não certo de acontecer, pelo fato de haver uma **consecutio temporum** estruturada na relação **futuro do subjuntivo + a locução verbal de tempo “pode enviar”, com valor de futuro**, algo que, em língua portuguesa, é admitido e reconhecido pelos falantes em

seu uso informal. Nas palavras de Charaudeau (1992, p. 546), tal relação configura uma relação de **hipótese futura**.

De acordo com Azeredo (2014, p. 326), a **conjunção condicional “SE”**, normalmente, como narrativa, “introduz um fato (real ou hipotético) ou uma premissa, a que se associa uma consequência ou uma inferência.”. No caso da notícia em tela, trata-se de um fato hipotético, ou seja, o de que o Brasil precisa manter o ritmo da vacinação como hipótese para poder vacinar as pessoas prioritárias até junho, projetando, assim, uma meta a ser seguida.

Nesse caso, o conteúdo proposicional da oração iniciada pelo **conector “SE”** apresenta, como ponto de vista por parte de *O Globo*, uma razão admitida pelos especialistas da área de saúde. Ao empregar esse relator, o sujeito comunicante em questão posiciona-se em relação à informação que recebeu de uma outra pessoa, já que não assume a informação como um fato consumado, mas, sim, sujeito a dúvida, repassando, novamente, à sua instância leitora um novo cenário de descrenças e de desencontro de informações perante o futuro da pandemia, cujo contexto determina, oportunamente, para esse tipo de discurso, a escolha de verbos com sentidos de tempo futuro, sobretudo o do modo subjuntivo, que pontua a incerteza de ação.

Por fim, a descrição da ação “país **pode** vacinar [...]”, de acordo com Neves (2013, p. 160, 2000, p. 62), **modaliza** o enunciado, especialmente, pela **modalidade epistêmica**, que está relacionada ao **conhecimento**. A notícia em questão está vinculada ao conhecimento científico, explanada pelo trecho “especialistas projetam que o país antecipará para junho a projeção dos 80,5 milhões de brasileiros dos grupos prioritários” (corpo do texto).

Estamos, portanto, diante de uma possibilidade epistêmica, já que se trata de uma “meta” que está amparada na realidade estatística, sedimentando, mais uma vez, a priorização, por parte da instância compósita *O Globo*, pelo discurso científico em detrimento às crenças negativas sobre o combate à pandemia propagadas pelo Palácio do Planalto, convidando a sua instância leitora, mais uma vez, a aderir aos seus argumentos e, ao mesmo tempo, mostrando o que o Governo Federal deveria fazer para a prevenção da pandemia, com argumentos baseados em saberes de conhecimento e de crença, logo, por imaginários sociodiscursivos concernentes à nossa cultura sobre tais assuntos e à própria realidade pandêmica.

7 Considerações finais

A partir da observação das capas selecionadas para uma análise mais profunda, constatamos que há uma sucessão de ações delimitadas em seu princípio e em seu fim, configurando, assim, uma genuína narrativa midiática. Essas ações são motivadas pela intencionalidade do sujeito comunicante, ou seja, a instância midiática de produção representada pelo jornal *O Globo*, que tem, por meio da narrativa jornalística, um projeto discursivo subjacente de **fazer crer** (Charaudeau, 2004), escamoteado por um empreendimento explícito de **fazer saber**, atribuição essa tão cara às mídias em geral.

A construção do discurso midiático hegemônico do jornal *O Globo* acerca do processo de aquisição de imunizantes contra a Covid-19 no Brasil, no primeiro semestre de 2021, parece direcionar argumentos, nas entrelinhas, pelas estratégicas relações lógicas de língua, para um imaginário sociodiscursivo de esvaziamento quanto à importância dada à imunização contra a Covid-19 pelo Governo Federal e por uma parcela da sociedade frente às orientações fornecidas pela ciência.

Tal movimento discursivo, nesse sentido, visou quebrar as narrativas construídas pelo governo acerca tanto do combate à pandemia quanto da descrença ou da diminuição da gravidade de sua existência, desvelando não só um posicionamento ideológico de *O Globo* acerca do assunto, mas também um convite da instância de produção à adesão desse posicionamento por parte da instância de recepção.

Na organização desse percurso narrativo jornalístico, nota-se uma intencionalidade discursiva em se atestar esse imaginário sociodiscursivo. Tal estratégia só é verificada caso o sujeito interpretante reconstrua todo o processo de produção do texto, feito por um meganarrador compósito (jornalista, fotógrafo, editor etc.), a partir de uma leitura horizontalizada.

Nesse sentido, todo texto midiático agrega valores e intencionalidades que merecem ser questionados, refletidos e discutidos pela sociedade. Ao reconhecer a roteirização narrativa específica e as respectivas estratégias de captação, bem como as características psicossociais e ideológicas desse sujeito comunicante compósito, o sujeito interpretante terá maior consciência acerca dos seus atos, podendo, assim, atuar de forma mais crítica, reflexiva e efetiva perante os discursos proferidos pelas esferas pública e privada.

Tal posição, conseqüentemente, o colocará apto, como leitor, a construir sua própria história. Para finalizarmos, cabe aqui as palavras de Charaudeau (2022, p. 21), ao nos dizer que “a verdade não é julgada apenas em relação ao que o locutor diz do mundo e da maneira como ele representa o mundo, mas a partir da relação transacional em face do outro, do que está em jogo nessa relação por meio do qual se constrói certa representação da realidade.”.

Referências

- ALVES FILHO, F. **Gêneros jornalísticos**: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2011.
- AMARAL, M. F. Imprensa popular: sinônimo de jornalismo popular? **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB** – 6 a 9 de setembro de 2006. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/63557889706955819390718237293726753880.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2024.
- AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: PubliFolha, 2014.
- AZEREDO, J. C. **Iniciação à sintaxe do português**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- BAKTHIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CAVALCANTE, M. M. et al. **Linguística Textual e Argumentação**. Campinas: Pontes, 2020.
- CHARAUDEAU, P. **A manipulação da verdade**: do triunfo da negação às sombras da pós-verdade. Tradução de Dóris de Arruda C. Da Cunha e André Luis Araújo. São Paulo: Contexto, 2022.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. Tradução de Angela M. S. Corrêa. 2 ed. 4 reimp. São Paulo: Contexto, 2019.
- CHARAUDEAU, P. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Tradução de André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. **Entrepalavras**. Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017.
- CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2012.
- CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (Orgs.). **Da língua ao discurso**: reflexões para o ensino. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-29.
- CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. **Gêneros reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte, NAD / FALE / UFMG, 2004, p. 13-41.

CHARAUDEAU, P. De la competencia social de comunicación a las competencias discursivas. In: **Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso**. Caracas: 7-22 ago. 2001.

CHARAUDEAU, P. **Grammaire du sens et de l'expression**. Paris: Hachette, 1992.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. Tradução de Fabiana Komesu (coord.). 3 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. 2 ed. revista e ampliada. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 6 ed. São Paulo: Lexikon, 2014.

DUCROT, O. **Polifonia y argumentación**. Cali: Universidad del Valle, 1988.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2017.

LAGE, N. **Estrutura da notícia**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2006.

MARCUSCHI, L. F. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MATEUS, M. H. M. *et al.* **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

MONNERAT, R. S. M. Possibilidades discursivas do e – um conector coringa. **Linguagem em discurso**, v. 4, n. 1. Tubarão: Editora da Universidade do Sul de Santa Catarina, jul./dez. 2003.

MONNERAT, R. S. M. A expressão da contra(dis)junção no texto publicitário: implicações semântico-discursivas. **Linguagem & Ensino**. v. 4, n. 2, 2001, p. 123-142.

NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

NEVES, M. H. M. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

OITICICA, J. **Teoria da correlação**. 2 ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1962.

Site de consulta: <https://infoglobo.pressreader.com/o-globo>.